

"Relatos selvagens" ou convocatória à narrativa do espectador

Mônica Medeiros Kother Macedo

O filme argentino de Damián Szifron, *Relatos Selvagens*, brinda o espectador com seis histórias nas quais a violência assume diferentes facetas, todas elas impactantes. Pode-se dizer que estamos diante de um filme que leva ao pé da letra a máxima cinematográfica: "luzes, câmera e ação...", nesse caso, *muita ação*. O diretor lança, implacavelmente, por meio das histórias do filme, intensa "luz" sobre as complexas motivações de ações humanas que ficam encobertas pelas, cada vez mais frágeis, regras e leis de convívio social.

A Psicanálise oferece, desde o princípio da magistral obra freudiana, sólidos subsídios para adentrar na compreensão do humano para muito além do manifesto. Aliás, Freud, em seu texto sobre o Recalcamento, já alertava para a diferença entre manifesto e consciente. Os protagonistas das diferentes histórias no filme manifestam em atos de violência o efeito do que lhes acomete no campo intersubjetivo. Manifestam sua fúria, seus excessos e se transformam diante dos olhos dos espectadores: deixam de ser o mero passageiro de voo aéreo, o motorista dirigindo seu carro e ouvindo música, o pacato cidadão desempenhando tarefas corriqueiras da vida, o filho superprotegido pelos pais, a noiva na festa de seu casamento, a funcionária de lanchonete à beira da estrada, para, surpreendentemente, escancarar a intensidade de segredos, fúrias e ressentimentos que carregam em si mesmos. São personagens que manifestam em atos "selvagens" a intensidade daquilo que os assola no difícil convívio humano.

Em sua Conferência de 1933, Freud advertia que "*a crença na 'bondade' da humanidade é uma dessas perniciosas ilusões com as quais a humanidade espera seja sua vida embelezada e facilitada, enquanto, na realidade, só causam prejuízo*" (Freud, 1933 [1932],p.130)¹. Ilusão e prejuízo que podem conduzir a simplificação dos efeitos do vivido sobre o sujeito.

¹ Freud, S. (1976). Ansiedade e vida instintual. In J. Strachey (Ed. & Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 22, pp. 103-138). Rio de Janeiro: Imago. (Obra originalmente publicada em 1933)

Não se trata aqui de desenvolver uma interpretação do filme, mas, sim, de ressaltar que, no diálogo entre o cinema – como uma importante produção da cultura – e a Psicanálise, reafirmar-se a pertinência e a consistência do legado freudiano. *Relatos Selvagens*, filme contemporâneo, nascido na América Latina, mostra-nos, a partir do impacto de suas cenas, que o acesso à alteridade é, efetivamente, uma difícil tarefa. Tema este presente no texto freudiano de 1929 sobre a cultura e o mal-estar, no qual as relações humanas são apontadas por Freud como uma das mais importantes fontes de sofrimento.

A Psicanálise fornece suficientes elementos para a constatação de que, na ausência das palavras, é o "*selvagem*" que domina a cena. Diante da forma como está estruturado (ou desestruturado) este criativo e instigante filme, é o expectador que fica convocado a criar possibilidades de *relatar* o sentido das impactantes intensidades que lhe são *apresentadas* nos seis episódios. Para isso, não pode ficar passivo ante ao "*selvagem*" que assiste. Precisa tentar *narrar* o filme para si próprio, pois parecem, inicialmente, tratar-se de seis histórias independentes, desconectadas entre si. Assim, para que esses episódios '*apresentados*' alcancem sentido é necessário um trabalho *ativo* por parte de expectador. As intensidades atuadas pelos personagens desconcertam ao desmantelarem qualquer resquício de ilusão sobre a inerente 'bondade' do humano, convocando à atribuição de sentido diante da destrutividade e da hostilidade que cada personagem põe em ação a partir de uma história singular. São impactantes as intensidades de ódio, ressentimento, dor, arrogância, desprezo e indiferença que alimentam as ações humanas no filme. Assim, na convocatória do título do filme, os *relatos* serão possíveis àqueles que se dedicarem a tentar narrar e construir sentidos ao *selvagem* descortinado diante das seis histórias contadas. O filme trata de *apresentar* ações, já a capacidade de *representação* (*representar-ações*) fica ao encargo de quem assiste. Processo este muito próximo ao que ocorre em um processo analítico. O intransferível valor da atribuição de sentido as singulares intensidades experienciadas encontra-se, desde o início da Psicanálise, no destaque dado ao relato de um sujeito sobre suas dores e seus amores, sejam estes selvagens ou não.